

Festival de Hamamatsu vem a Copacabana

O Festival de Hamamatsu é comemorado nos dias 3, 4 e 5 de maio. Neste ano, para celebrar o centenário da imigração japonesa, cerca de 40 representantes de Hamamatsu estiveram no Rio. O desfile de carros alegóricos e a batalha de pipas do Festival de Hamamatsu atrai anualmente mais de 1 milhão e 200 mil pessoas.

Sua origem remonta há mais de 440 anos, quando o Senhor do castelo de Hikuma empinou publicamente uma grande pipa em comemoração ao nascimento do seu primeiro filho.

Surgiu, assim, a tradição popular de comemorar a data, fato este que distingue o festival de Hamamatsu dos demais “Matsuri” do Japão, cuja origem é de caráter religioso.

Atualmente, pessoas de todas as idades comemoram o festival de Hamamatsu, fazendo dele o maior evento anual da cidade.



No dia 3, as festividades começam com o espetáculo de fogos de artifício nas dunas da praia de Nakatajima. Enormes pipas (mais de 160) sobem rapidamente aos céus, num momento de grande emoção e expectativa.

Primeira pipa: celebrando e dando continuidade às raízes históricas do festival, muitas famílias empinam pequenas pipas em homenagem às crianças recém-nascidas.

Nelas, o nome da criança sobe, reverenciando e pedindo prosperidade e proteção aos céus.

Batalha de pipas:

Empinadas as grandes pipas, começa a batalha multi-colorida nos céus, 2 a 3 mil pessoas participam, puxando freneticamente as linhas e tentando cortar a linha das pipas. Na areia, o toque das cornetas ressoa ameaçador, conferindo um tom épico à batalha. Segundo a lenda, não há outro embate igual em todo Japão.

Desfile de carros alegóricos

O sol está se pondo, e a batalha de pipas chega ao fim. A noite vem, e um novo espetáculo surge em cena. Nas ruas, o movimento é grande e a ansiedade, maior ainda: Soam os tambores (taiko), pessoas marcham entoando cânticos seculares (Neri) ao toque das cornetas e flautas (Ohayashi), tem início, assim, o desfile dos carros alegóricos (Goten-yatai) do festival. As imagens e a atmosfera contagiam, enquanto a magia das cores e dos sons, encantam aos que o assistem.

Origem dos carros alegóricos

No passado, as enormes pipas eram transportadas no topo de grandes carros (Daihachiguruma). Com o tempo, eles passaram a ser decorados, e as pessoas que os conduziam começaram a entoar cânticos, dançar e tocar sinos e tambores enquanto

voltavam da praia rumo à cidade. Mais tarde, esse ritual foi se tornando mais elaborado, transformando-se assim no exuberante espetáculo dos dias de hoje.

Outros eventos do festival

Além da Batalha de Pipas e do desfile de carros alegóricos, inúmeros outros eventos são realizados nos arredores da estação, Act City e nas dunas de Nakatajima, complementando e dando brilho às festividades.

Dentre eles, o desfile de danças folclóricas japonesas ao som de flautas, tem um colorido todo especial e apresentações de artistas e suas obras podem ser apreciadas pelo visitante nesses locais.

Glossário do Festival de Hamamatsu

Tamanho das pipas – As pipas que participam da batalha das dunas de Nakatajima são confeccionadas com folhas de papel tradicional japonês, e as mais utilizadas nos combates têm de 2,4 m² a 2,9m² (4 a 6jo, uma antiga unidade japonesa).

Batalha das pipas – Várias técnicas são utilizadas para cortar a linha da pipa oponente. Em geral, os participantes soltam a linha e variam a velocidade com que a recolhem, atacando assim as demais pipas, num lindo balé aéreo.

Os instrumentos.

Tegi – um tipo de carretilha onde se enrola a linha. É usada para não queimar as mãos quando a linha esquenta devido aos constantes puxões durante os combates.

Itowaku – um grande aro onde se enrola a linha mestra utilizada nas pipas-gigante.

A linha – todas as linhas são de cânhamo, produzidas especialmente para o Festival, de modo que todos os participantes utilizam material idêntico, prevalecendo assim os mais hábeis e destros durante os combates.

A história do “Ohayashi”

Segunda a tradição, o “Ohayashi” (grupo musical de flautas e tambores que desfilam com os carros alegóricos) teve origem na era Meiji, quando um grupo que desfilava, chamado “Mori no sannosukejo”, empinou uma pipa e depois a recolheu no seu carro alegórico, tocou suas flautas e tambores enquanto regressava para casa. No presente, além de músicas folclóricas, o “Ohayashi” também entoa cânticos modernos.

O “Neri” - “Neri” é o desfile do estandarte e das lanternas coloridas que flutuam suavemente como ondas ao som dos tambores e dos cânticos “Oichi”.

Mais tarde, o “Neri” se transforma num vibrante pulsar, que como um redemoinho de luzes toma de assalto as ruas encantando aos que assistem fascinados.

Os desenhos das pipas – Os desenhos nas pipas têm sua origem nos nomes das comunidades que os confeccionam e os empinam nos céus. Em geral, eles representam acontecimentos históricos do passado e reforçam a unidade social dessas comunidades.

Texto retirado do folheto do Hamamatsu visitors & Convention Bureau

<http://hamamatsu-daisuki.net/hamacon/en/index.html> (em inglês)

Novidades



realizou uma confraternização com os brasileiros nesta festividade.

Misturou-se o ritmo tradicional do Neri ao ritmo do samba e ao carnaval brasileiro. O dono de uma loja de comida brasileira propôs a confraternização entre as duas culturas.

Em 2007 houve uma novidade no tradicional Festival de Hamamatsu. Sendo a cidade que concentra o maior número de brasileiros no Japão, há uma grande influência dos mesmos na vida da cidade, por esse motivo, pela primeira vez, uma associação de bairro



O ano de 2008 celebra os 100 anos da imigração japonesa ao Brasil e, para celebrar esta data, a cidade do Rio de Janeiro recebeu a visita de uma comitiva de mais de 40 pessoas da cidade de Hamamatsu que vieram dar uma pequena amostra do que é o Festival da cidade.

No dia 24 de junho, mesmo com o tempo nublado, enormes pipas foram erguidas nos céus de Copacabana estampando,

ao invés das comunidades da cidade de Hamamatsu, faziam alusão à cooperação Brasil-Japão.

Foi um momento de confraternização e de reencontro de gerações e culturas que estão ao mesmo tempo longe e perto. E da possibilidade dos descendentes que nunca foram ou tiveram contato com a cultura japonesa poderem participar de um evento tradicional de uma cidade que convive diariamente com os brasileiros.

